

DEUS ESTÁ EM TUDO E EM TODOS

Quando Deus se isolou numa porção de espaço para criar o universo, também diferenciou dentro de si próprio, espíritos virginais, chispas divinas que iniciaram, então o seu processo de evolução, através de ciclos de reencarnação na matéria.

Estes espíritos virginais são à semelhança de Deus, pois contêm em si todas as potencialidades e atributos da Divindade.

Os atributos de Deus são Vontade – Sabedoria – Actividade.

Com a sua Vontade e Imaginação, usou a Sabedoria para esboçar um plano para o Universo. Através do terceiro atributo produziu o movimento, mas o universo para se equilibrar precisa de movimento ordenado. Estes atributos estão sempre em acção. O Universo dissolver-se-ia imediatamente no espaço se Deus, por um momento, cessasse de exercer o Seu cuidado e a Sua Actividade.

O Espírito, a chispa Divina, também se refracta em três aspectos: O Espírito Humano cujo assento primário é a glândula pineal e o secundário o sistema cérebroespinal, o Espírito de Vida, cujo assento primário é a membrana pituitária e o secundário, o coração; e o Espírito Divino, um observador silencioso, que tem o seu assento no esqueleto e se encontra situado num ponto impenetrável na raiz do nariz, entre os arcos supraciliares, cerca de um centímetro e meio abaixo da pele.

E na minha opinião, tal como Deus, também temos três atributos especiais, essenciais ao nosso desenvolvimento: o livre-arbítrio, que é o nosso maior poder; a intuição, pela qual sabemos a verdade, e a acção construtiva, através da qual podemos ser úteis.

Assim, na essência somos todos iguais, todos temos a centelha divina, todos temos os três atributos. O que nos diferencia é apenas a forma onde o espírito encarna, e a atitude. Esta atitude determina a velocidade com que manifestamos o divino em nós.

Temos também três valores essenciais, o Bem, o Belo e a Verdade, as ferramentas que nos ajudam a conseguir.

Quando, na Época Atlante, o espírito tomou posse plena do corpo denso, perdeu-se o contacto com os mundos superiores, pois era necessário que mergulhássemos no mundo material, com a missão de nos espiritualizarmos, e desse modo, elevarmos a vibração da Terra.

E esquecemo-nos! Esquecemos os valores fundamentais, e esquecemos que *“Em Deus vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”* (Actos:17-28) e afundámo-nos na matéria, não a espiritualizamos, apenas chafurdamos nela.

O nosso o livre arbítrio, o nosso maior poder, como o usámos? Quais têm sido as nossas escolhas?

Usamos as ferramentas, os valores à nossa disposição? Não. Escolhemos uma atitude separatista, de superioridade. Achamos que somos uns melhores do que os outros e por isso, merecemos mais, por isso podemos subjugar os outros, por isso, podemos tratá-los mal, por isso, convencemos os outros que são inferiores fracos e incapazes e que precisam dos fortes, superiores e poderosos.

É a nossa história, é o nosso mundo, em que meia dúzia de pessoas ganha tanto como o resto da humanidade, e como no nosso sistema capitalista, o dinheiro é poder, meia dúzia de pessoas, manipula e comanda o destino da maioria.

Esta situação, leva-nos a perguntar “Qual o valor da pessoa humana?” As pessoas valem pelas coisas que têm, ou pelos trabalhos que fazem?

Ser gestor de uma empresa é ser mais importante que um operário ou um homem da recolha do lixo?

Vemos agora, nesta fase conturbada pelo coronavírus, que todas as pessoas são importantes, independentemente do trabalho que fazem, de quanto ganham. O que na realidade importa é a pessoa humana.

Em todas as profissões e funções a desempenhar o que importa é o empenho e o esforço que se põe na realização de cada tarefa.

Talvez agora comecemos a compreender que apesar das diferenças que temos, somos todos uma parte do Grande Todo. Que a personalidade é uma ilusão e uma cilada, que nos leva a ver como por uma lente manchada e achar que a vida é uma contínua competição.

A felicidade não depende do estatuto social que temos, ou da nossa riqueza material. A felicidade sente-se com o dever cumprido, no contributo que prestamos à sociedade (o nosso trabalho), e da gratidão com que vivemos a vida.

Li há pouco tempo a história de uma ascensorista que trabalha há anos a receber as pessoas num elevador e a carregar nos botões dos andares. Desempenha a sua tarefa sempre com um sorriso de simpatia. Quando lhe perguntaram como conseguia respondeu que todos os dias tentava melhorar a sua atitude e fazer do seu desempenho um ritual.

Desempenhar as tarefas como um ritual é perceber o verdadeiro sentido da vida: que ao prestarmos serviço, seja qual for, não o estamos a fazer em função de nós mesmos, mas em prol da humanidade, porque não há separação, pois há só um Espírito, que brilhará tanto mais, quanto mais e melhor for o serviço prestado.

“Cristo é tudo, e em todos” (Coloss.: 3:11)

27 Março 2020

Fátima Capela